

DOI: <https://doi.org/10.17234/SRAZ.67.1>

UDC: 821.134.3(81).09

Review article

Recebido a 9 de julho de 2020

Aceite para a publicação a 20 de outubro de 2022

## Novos espaços da literatura marginal brasileira

Priscilla Lopes d' El Rei  
Universidade Autônoma de Barcelona  
[priscilladelrei@gmail.com](mailto:priscilladelrei@gmail.com)

No Brasil, a segregação urbana é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. Nestas áreas de segregação, além de todos os problemas subjacentes, como a urbanização precária e a falta das condições mínimas para manter uma vida salubre, há também a ausência de equipamentos de mercado cultural. Para suprir essa necessidade, há pouco mais de duas décadas, temos uma grande proliferação das artes e da literatura marginal ou periférica, na qual a produção e manifestação de artistas e grupos periféricos, chega para preencher esses espaços. Nos dias atuais, essa expressão cultural no Brasil é um exemplo de resistência política e produções de novos sentidos políticos. As manifestações culturais suburbanas mostram algumas propostas e mudanças na sua estrutura tanto na criação como na divulgação da arte. Este artigo apresenta o trabalho proferido na conferência *100 anos dos Estudos Românicos em Zagreb: tradição, contactos, perspectivas* e tem por objetivo esboçar brevemente este movimento tão amplo e rico da atualidade, colocando, desta forma, em discussão os limites das novas fronteiras literárias no Brasil.

*Palavras chaves:* Literatura Brasileira, Literatura Marginal, Literatura Periférica, Poesia, Estudos Literários

### Sobre o papel da literatura

Passamos nas últimas décadas por diversas transformações do modo de produção e distribuição de conhecimentos, novas tecnologias e novas formas de comunicação, desta forma, ao estudarmos agora literatura, somos confrontados com a pergunta: Qual é o papel da literatura nos dias atuais?

A literatura sempre recebeu, dentro dos estudos da arte e cultura, um estatuto de *arte maior*. Entendida como a mais alta forma de expressão da civilização humana, foi por muito tempo destinada e produzida apenas por uma minoria educada e elitizada e, muitas vezes, valorizada apenas pelo seu valor estético e de entretenimento.

A forma de ver estudar e analisar a literatura também mudou no decorrer do último século. Walter Benjamin, em *O autor como produtor* (1934), situa a obra

dentro do contexto social vivo em relação às condições de produção da época. Foucault em seus seminários, *O que é um autor* (1969) e *Tecnologias de si* (1982), vê a literatura para além de um objeto simplesmente estético e a coloca em um paradigma subjetivo estético-ético, afirma que o contexto sócio cultural na qual o autor está inserido é crucial para o entendimento do seu discurso. Raymond Williams, nas décadas de 70 e 80, em seu trabalho sobre literatura, marxismo e sociedade, foca a análise de literatura como discurso e forma significativa dos meios e das condições de produção que codificam padrões e estruturas, portanto portam marcas dos processos de produção. Antônio Candido em sua crítica apresentada em *Literatura e Sociedade* (1965) apresenta um sistema de relações sociais, ligando a obra ao meio social, e apresenta uma estreita relação entre literatura e sociedade, ou seja, entre a obra literária e a realidade social. Esses são apenas alguns dos muitos estudos que envolvem esse tipo de interpretação sobre a literatura.

Dessa forma, a literatura pode ser uma base para a análise cultural, pois “nela estão mantidos todos os modos de uma sociedade particular, num momento particular” (Birrento 2008: 4). Mas a literatura não é apenas um retrato da realidade, ela produz sentidos, ou seja, produz versões de forma ativa e poética da memória coletiva, ou seja, os textos ao mesmo tempo que codificam padrões e estruturas estabelecidas, são capazes também de produzir e modificar esses padrões dentro de um jogo dialético entre produtor e produto do meio em que está inserido.

### **Marginal e periférica, uma questão terminológica**

Uma questão terminológica ainda se faz importante antes de adentrarmos os exemplos. Do ponto de vista geográfico, periférico é uma região afastada dos centros urbanos e que é geralmente habitada por uma população de renda mais baixa e onde habitam principalmente as minorias estigmatizadas e marginalizadas pela sociedade, ou seja, além de ponto geográfico, é também um espaço social que remete a uma conotação política. O atributo marginal é usado, para definir e identificar um movimento composto por artistas e escritores provenientes de subúrbios das grandes metrópoles e/ou pertencentes a minorias sociais.

Porém o termo marginal já surgiu na literatura brasileira pela primeira vez na década de 70 com a assim chamada Geração Mimeógrafo, com o surgimento da produção de obras em forma de livretos distribuídos diretamente pelos autores, com o intuito de fugir dos circuitos das grandes editoras e que apresentava uma linguagem mais coloquial. Esse movimento, formado basicamente por escritores de classe média, buscavam, a margem da grande indústria ditada pelos intelectuais da academia, lançar sobre a literatura um olhar alternativo e fora do padrão cotidiano. Marginal, sobre o ponto de vista estético, é visto como as produções que afrontam o cânone e rompem com as normas e paradigmas vigentes (Oliveira 2011: 31). A literatura marginal atual é diferente da literatura marginal do início dos anos 70 e, embora seja um movimento que ganhou força apenas na virada do século, ele já contava com autores precursores como Carolina

de Jesus e Antônio Fraga nas décadas de 40 e 50 e, a partir da década de 90, com *Cidade de Deus* de Paulo Lins.

No final da década de 90, no Brasil, a palavra marginal ganha um novo significado dentro da literatura, ela passa a denominar a literatura produzida pelo ser marginal, ou seja, daquele que vive na periferia.

Ferréz desenvolveu um projeto editorial em parceria com a revista *Caros Amigos* intitulado de *Literatura Marginal: a cultura da periferia*. No total foram 3 revistas lançadas em 2001, 2002 e 2004. Essas revistas tinham como objetivo “a divulgação de produtores artístico-culturais provenientes de regiões periféricas urbanas e de minorias sociológicas (...). Além do esforço em proporcionar uma oportunidade ímpar a esses artistas, a proposta também tinha como objetivo a promoção identitária desses sob o resguardo nominal de marginais” (Velloni 2020: 198). O escritor Ferréz utiliza o termo para denominar sua obra e depois para denominar outros autores desta nova geração de escritores marginais (Eble/Lamar 2015: 195). Por literatura marginal, Ferréz entende como a busca de um espaço para aqueles que vivem na margem, ressalta que literatura marginal “é aquela feita por marginais mesmo, até por cara que já roubou, aqueles que derivam de partes da sociedade que não têm espaço” (d' El Rei 2019: 225). O manifesto escrito por Ferréz nestas edições promove um movimento inaugural de mobilização para que os sujeitos marginalizados e periféricos deixem de ser objetos de estudo e passem a ser atores da produção literária. É importante lembrar que a periferia não passa a ter voz apenas a partir deste momento específico, a cena ou cenas culturais sempre estiveram presentes na periferia, o que muda agora é apenas a visibilidade e a proporção que o movimento alcançou, e também a interação destes movimentos entre si.

Desta forma, segundo Oliveira (2011: 32), “o termo marginal reveste-se, pois, de complexidades que envolvem representações estéticas, políticas e sociais de naturezas diferentes, que convém levar em conta na hora de falarmos dos novos marginais que surgem no cenário da literatura brasileira contemporânea”.

## **Literatura marginal contemporânea brasileira**

Como já mencionado, a periferia e a marginalidade sempre encontraram espaço em nossa literatura; durante toda nossa história literária a desigualdade da sociedade brasileira e os tipos por ela produzidos sempre serviram de temas para romances hoje canônicos como: *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, personagens como Jeca Tatu de Monteiro Lobato e a figura do sertanejo em *Grande Sertão: Veredas* e *Vidas Secas*. Mas agora o foco é outro, a leitura periférica é algo que sempre acontecia do centro para a margem, com algumas exceções, mas agora há a inversão de olhares, é a margem contanto e refletindo a margem, e traz, desta forma a visão do marginal que vive diariamente o que conta, proporcionando assim uma visão menos estereotipada e mais original dos acontecimentos, temas e discussões. Esse olhar interno das produções da periferia e não *sobre* a periferia provocou uma alteração na identidade da produção literária e cultural marginal.

O marco inicial desse processo de abertura polifônica no campo literário é o livro *Cidade de Deus* (1997) de Paulo Lins. Mas o autor, apesar de ser reconhecido como precursor dessa mudança angular “em razão de sua composição narratológica refletir diretamente a sua vivência social locativa de uma zona periférica carioca, [...] nunca reconheceu a marca de ‘marginal’ a seus escritos” (Velloni 2020: 200). Esse título de precursor da literatura marginal é então claramente atribuído por alguns críticos e reconhecido pelo autor de *Capão Pecado* (2000) Ferréz.

Nas últimas duas décadas temos então uma grande proliferação das artes e da literatura marginal ou periférica, na qual a produção e manifestação de artistas e grupos periféricos, como o hip-hop, o grafite, a literatura marginal e o *Slam-poetry* chegam para preencher esses espaços. As manifestações culturais suburbanas através de saraus mostram algumas propostas e mudanças na sua estrutura tanto na criação como na divulgação da arte (d' El Rei 2019). A escrita periférica como modelo de transgressão é uma literatura de compromisso, engajada, que visa retratar o social e apontar questionamentos que vêm da classe social que representa. Vemos então um deslocamento cultural do centro para a periferia, o que antes era uma arte elitizada, na qual a academia sempre ditou suas regras estéticas, passou a não mais circular a partir do centro, mas sim no sentido inverso. Essas produções originadas na periferia e nas favelas traduz o contexto sociocultural, as experiências e identidades que engendram. Esses escritores assumem agora sua voz e conferem um novo *ethos* à produção literária e cultural (Oliveira 2011: 34) do país. O foco, certamente, está na produção de saberes fora do centro, a marginalidade, nunca foi um espaço tão produtivo na cultura como agora.

Uma das características principais dessa literatura engloba um caráter de voz coletiva; ao escrever sobre suas próprias experiências, o autor/poeta se compromete como uma voz que representa toda a periferia, todo um grupo marginalizado. Os textos também são, em sua grande maioria, performáticos, ou seja, seu objetivo final não é o texto escrito em si, mas uma intervenção e uma participação ativa na comunidade onde é produzido. Uma literatura contra hegemônica, engajada, cujo objetivo não é apenas afrontar o sistema e as estratégias de dominação, mas também derrubar as fronteiras invisíveis da exclusão social.

## Saraus periféricos

Desde 2000, diversos grupos promoveram saraus de arte e poesia. Segundo o poeta Sérgio Vaz, fundador da Cooperifa, a ideia é construir um espaço de interação cultural e social, como movimento artístico e social, como uma forma de resistência. A Cooperifa teve início, quando um grupo de amigos, poetas, fotógrafos, músicos e artistas plásticos, decidiu ocupar o espaço de uma fábrica desocupada no município de Taboão da Serra, na Grande São Paulo. A fábrica foi vendida, e o grupo passou a se reunir em um bar o “Garajão” até que surgiu a ideia de um sarau semanal. O primeiro foi realizado em outubro de 2001 e

apenas 17 interessados compareceram, mesmo assim, resolveram continuar com o projeto. A partir de 2003, os poetas da Cooperifa se reúnem no bar às quartas-feiras, entre às 21h às 23h, no “Zé Batidão”, um bar da Zona Sul de São Paulo e atraem, em média, 150 interessados tanto em declamar textos literários, quanto em assistir as performances (d' El Rei 2019).

No ano de 2007, Sergio Vaz e alguns amigos, decidiram se juntar com outros agentes culturais e artistas da região para a realização de uma semana de arte aos moldes de 1922. Em seu *Manifesto da Antropofagia Periférica*, Vaz aponta para o inimigo ou inimigos que impedem o desenvolvimento da periferia e a diminuição da desigualdade social que é a maior promotora da miséria, da violência e da segregação social no Brasil. Declara-se assim:

Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. (...) Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural. (Manifesto Da Antropofagia Periférica 2007, *apud* d' El Rei 2019: 220)

A confrontação nos saraus e na literatura periférica acontece pela conformação de um sujeito lírico que luta contra as amarras opressoras da sociedade e dos padrões culturais elitizados preestabelecidos por um centro, do qual eles não fazem parte. Esse inimigo em comum pode ser visto também no fragmento do *Nosso manifesto*, do *Coletivo Cultural Poesia na Brasa*, chamado *A elite treme* apresentado no artigo de Tennina:

A elite encontra-se nos grandes centros comerciais, rodeada pelas periferias que ela própria inventou / a periferia se arma e apavora a elite central / Nas guerras das armas, os ricos reprimem os favelados com a força do Estado através da polícia / Mas agora é diferente, a periferia se arma de outra forma / Agora o armamento é o conhecimento, a munição é o livro e os disparos vêm das letras [...] (Coletivo Cultural Poesia na Brasa 2009: 31-32 *apud* Tennina 2013: 17).

Desta forma, a arte periférica em seus saraus e eventos artísticos quebra a hegemonia do consenso e os dogmas culturais estabelecidos por aqueles que, no Brasil, sempre determinaram o que é ou não arte. Através de uma linguagem prática ligada ao cotidiano, descentra o saber erudito e abre espaços para novas práticas do saber não canônico.

### **Serginho Poeta, um exemplo da poeticidade do cotidiano**

Serginho poeta nasceu em São Paulo em 1970, aos 10 anos seu pai comprou uma casa na periferia, no Parque Santo Antônio perto de Capão Redondo. De profissão era motoboy. Iniciou-se no mundo da literatura de forma atípica, como ele mesmo conta em uma entrevista dada ao *website* Jornalirismo. Em 1986, comprou um disco do cantor Zeca Pagodinho; como não tinha onde tocar, lia as letras, e gostou do que leu, percebeu que as letras dos grandes sambistas eram

poesias e começou a gostar de poesia, de poetas como Ferreira Gullar e Castro Alves (<http://serginhoopoeta.blogspot.com/> 15 de maio de 2021). Trabalha como educador de jovens, colabora com o jornal virtual *Jornalismo* e participa de vários projetos culturais, entre eles *Sarau da Vila Fundão*, *Sarau do Binho*, *Poesia de Esquina*, *Expedição Donde Miras*, *Caminhada Cultural Pela América Latina*. Participou da antologia poética *Hip Hop a Lápis* (2006). Publicou o livro *Donde Miras, Dois Poetas e Um Caminho* (2007), com Binho e *Poeta de Esquina* (2017). Em tempos recentes, ele tem desenvolvido seu perfil com apresentações de *Stand Up Comedy* (Tennina 2014: 179).

Para o poeta a literatura é a “base de tudo”, é um objeto de transformação do indivíduo.

A literatura é um dos melhores instrumentos de transformação, é a base de tudo. Quero trabalhar com jovens da periferia. E uma oficina de poesia não tem custo nenhum, precisa de uma caneta e de um papel, é uma coisa tão simples de fazer. [...] Meu sonho é meio utópico. Queria que a literatura revolucionasse todas as coisas erradas que têm na classe mais desfavorecida (Poeta 2007: s.p)

Serginho Poeta recebeu uma formação politizada de seu pai, que dizia: “Acho muito difícil a gente tomar o que é nosso, por direito, sem a classe dominante reagir. Nessa hora, então, fica difícil de você ter uma questão pacífica” (Poeta 2007: s.p), mas apesar desta máxima proferida pelo seu pai ele acredita em uma revolução pacífica, mas que só acontecerá através da cultura e da educação.

Guerrilha Cultural

Quero tomar os latifúndios mentais que a desinformação cultiva

Quero plantar conhecimento em toda mente produtiva

Quero colher resultados em forma de arte e educação

Minha guerrilha é cultural, viva a revolução (Poeta 2007: s.p)

Sua poesia retrata o cotidiano da vida na periferia; na poesia “Faltei ao serviço”, o poeta narra um episódio da vida cotidiana. O tom é prosaico e causa um reconhecimento direto do cotidiano por aqueles muitos que já viveram a situação narrada.

[...]Mandei meu filho

Ir ao bar do Seu Zé

Comprar pão e leite fiado

Apesar da miséria que ganho

No fim do mês

O acerto é sagrado[...] (Poeta 2007: s.p)

Um trabalhador que, ao ficar um pouco mais no samba durante a noite, se atrasa para o trabalho, o poema traça algumas reflexões sobre a vida de trabalho pesado na periferia, onde os trabalhadores acordam geralmente muito cedo e passam muitas horas no trânsito para chegar ao seu trabalho, que normalmente é mal remunerado.

Meu patrão que me desculpe  
Mas hoje vai ficar me esperando  
No mesmo horário de sempre  
O relógio tocou como um louco  
Desliguei e resolvi dormir mais um pouco  
Foi aí que me atrasei  
E como me atrasei!!![...]

[...]Nesses tantos anos  
Trabalhei pra caramba,  
Será que não tenho o direito de passar uma noite no samba?  
Dizem, por aí  
Que a boemia atrapalha o trabalho  
Mas por que não dizer o contrário? [...] (Sarau Samba Original, s.d.)

O bar, o samba é seu único ópio para tornar a existência mais suportável. O eu-lírico também mostra grande preocupação com seu filho, gostaria de ter mais tempo para dedicar ao garoto, mas precisa trabalhar muito para evitar que o filho tenha sua mesma sorte:

[...]Queria ter mais tempo  
Para cuidar que ele  
Ande sempre no trilho  
Mas se dou duro  
O dia inteiro  
É para que o filho  
Do meu patrão  
Não seja também  
O patrão do meu filho [...] (Sarau Samba Original, s.d.)

Para Tennina (2013: 16) um tema comum dos textos declarados nos saraus são as experiências do dia a dia, mas sem focar na “espetacularização da pobreza”, logo não seriam as cenas de violência, mas os detalhes que, enquanto estética, ressignificam o “ser periférico” por meio da poesia.

O eu lírico do poema de Serginho Poeta instala-se em um presente do “estar aí”, que registra rotinas, sons, movimentos e paisagens que reafirmam o “ser periférico” e criam uma cadeia sintagmática afetiva que redefine o termo “periferia”, já não partindo da ideia de carência, mas, pelo contrário, de riqueza cultural (Tennina 2013: 16).

Serginho também se engaja com a questão social do ser periférico e em especial contra o preconceito racial que é muito grande, “o Brasil é racista para caramba”, diz o poeta na entrevista ao reportar muitas situações de racismo que já presenciou.

uns 20 anos atrás eu era um dos poucos brancos que tinha ali. Aí eu conheci a cultura negra de perto, o pessoal que fazia o samba nos botecos. Dizem que o Brasil não é racista, mas o Brasil é racista para caramba.

Tenho muitos amigos negros e numa geral da polícia, por exemplo, o tratamento sempre foi bem diferente.

Eu arrumava emprego, um amigo meu, negro, que tinha mais cacife, não arrumava. Às vezes a gente disputando a mesma vaga. (...)

É, porque você tem uma amizade com o cara, e o cara passa por isso. Você se sensibiliza, não tem como, parece que é com você. Tem branco que fala assim: “Eu sou negão também”. Eu não, eu sou branco. Meus amigos são negros e me sensibiliza ver isso (Poeta 2007, s.p.).

Apesar de ser pobre e periférico, ele reconhece que sua cor branca ainda lhe concede certos privilégios, na abordagem policial, na hora de conseguir um emprego a sua cor lhe oferece vantagem. Em seu poema “Negro: poeta de esquina”, retrata com imensa poeticidade um caso de abuso e agressão policial contra um cidadão negro, uma situação cotidiana nas periferias do Brasil.

Meia-noite no gueto, tem um preto parado na esquina.

— Deve ser ladrão ou vendedor de cocaína. — se perguntam os tripulantes da barca são-paulina que se aproxima para abordá-lo, interrogá-lo e espancá-lo. Não necessariamente nessa ordem, é claro.

O homem permanece inerte. Ainda assim, recebe um soco no rosto, que é dado com gosto, enquanto um segundo soldado, de um posto maior, defere-lhe um chute. Não há quem não escute, naquela noite, o açoite moderno.

Mas só quem vê é o azul eterno, celeste noturno... cacetete, coturno; cacetete, coturno!

Por um momento, cessam então o linchamento, e ordenam:

— Fala, negro, não me enrola, o que faz na rua a essa hora?

— Venho aqui para fazer poesia. Sou poeta da lua, por isso troco a noite pelo dia. E tão triste é quem nela se inspira, apaixona-se, tornando-a sua lira. Mas, apesar dessa paixão que no peito tranca, não pode com a mão tocar a bola branca. Invejo os astronautas. Eu, poeta, aqui tão distante, e eles, meros militares, lá em cima, nos braços da minha amante. Sou poeta da rua. Nesse caminho estreito, aprendi a andar, a cair, a levantar, a ter respeito... Mas nunca temer! Isso, senhores, é o que eu tenho a lhes dizer. Agora espero que me deixem continuar olhando o céu, pois negro já nasce poeta, mas também já nasce réu.

Ah, mas negro poeta... Isso é afronta, é passar demais da conta!

Meia-noite no gueto. Tem um preto morto na esquina. Os olhos abertos, o corpo ferido. O céu todo refletido no centro da retina. Não era ladrão, nem vendedor de cocaína. Era simplesmente um poeta, sem escola, sem berço... Um poeta de esquina. (Poeta 2007, s.p)

O poema faz referência a um rapaz que foi assassinado na favela naval “o conferente Mário José Josino, morto pela polícia em março de 1997 na favela Naval, em Diadema, SP” e foi escrito a pedido de um músico que pediu para Serginho escrever algo para o Dia da Consciência Negra “Eu tinha aquela imagem na minha cabeça e vinha tentando escrever alguma coisa. Quando o Magno falou, a primeira coisa que me veio à cabeça foi aquilo. Então escrevi, e o cara, que eu saiba, não era poeta, mas eu fiz como metáfora” (Poeta 2007: s.p.).

## Mel Duarte, luta e engajamento coletivo negro, feminino e feminista

Mel Duarte nasceu em 1988, é poeta, *slammer* e produtora cultural. Ela começou sua carreira em 2006 se apresentado em saraus da periferia. Publicou os livros *Fragmentos Dispersos* (2013), *Negra, nua, crua* (2016) que foi relançado em 2017 com audiobook e que ganhou sua versão em espanhol publicado na Espanha em 2018 sob o título *Negra Desnuda Cruda*. Em 2020 publica uma coletânea de poesia intitulada *Colmeia*. É produtora de inúmeros materiais audiovisuais disponíveis em vários canais de mídia na internet. Durante seis anos integrou o coletivo Poetas Ambulantes, que distribui e declama poesias dentro dos transportes públicos e foi a primeira mulher a vencer o campeonato internacional de poesia Rio Poetry Slam em 2016 e em 2017 representou a literatura brasileira no Festival de Literatura Luso-Afro-Brasileira (Festilab Taag) em Luanda, Angola (literafro 2019: s.p), foi convidada algumas vezes para falar no Tedxtalks e em 2019, lança *Mormaço – Entre Outras Formas de Calor*, um álbum de poemas declamados no estilo *spoken word*. Desde 2016 é uma das organizadoras do Slam das Minas em São Paulo (melduartepoesia.com.br 2021: s.p.).

Seus poemas têm por temática o empoderamento da mulher negra e a luta contra os estereótipos e coisificação das mulheres. Durante muito tempo na literatura canônica a mulher negra foi tratada como ser meramente sexual, construída por escritores não negros, apresentavam sempre em tom de malícia, imoralidade e permissividade.

Mel Duarte representa a mulher negra tomando a sua voz e a voz da sua própria história, deixa de ser narrada pelo outro e para o outro. Ela agora tem o poder de falar de si e para si.

Em seu poema “Menina Melanina”, a poeta fala sobre empoderamento e aceitação do próprio cabelo, que, como característica étnica negra, foi, durante séculos, usado com símbolo de opressão. No Brasil, onde o culto à beleza estabelecido pela elite, majoritariamente branca, que sempre se espelhou no estereótipo europeu, por isso, cabelo crespo foi, até pouco tempo, motivo de vergonha e agora, devido aos movimentos negros feministas de empoderamento, passou a ser sinônimo de orgulho e luta. Em uma entrevista para revista Glamuor em 2017, conta que quando era pequena, evitava tirar fotos por vergonha de seu cabelo afro. “Meu processo de afirmação negra se deu a partir do momento que entrei no movimento dos saraus e quando eu me libertei fazendo dreads. Aos 18 anos, me reconheci e passei a frequentar espaços com outras mulheres negras” (Duarte 2007 *apud* Nogueira: s.p.). Hoje a poetisa e *slammer* inspira outras mulheres por meio de seus poemas.

Passou por incertezas  
Momentos de fraqueza  
Duvidou se há beleza  
Nos seus olhos escuros,  
Seu cabelo encrespado,  
Sua pele tom noturno,  
Seu gingado erotizado[...]

[...]Preta:  
Mulher bonita é a que vai à luta!  
Que tem opinião própria e não se assusta  
Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri dizendo que  
ele está "em pé"  
E a ignorância dessa coitada não a permiti ver...  
Em pé, armado,  
Foda-se! Que seja!  
Pra mim é imponência!  
Porque cabelo de negro não é só resistente,  
É resistência[...] (Roots.Video, s.d)

Mel Duarte também trata temas polêmicos em seus poemas e apresentações como na poesia "Verdade seja dita" que declamou na FLIP - Festa Literária de Paraty, em 2016, que versa sobre esse assunto que percorria todas as redes sociais: o estupro coletivo que aconteceu na favela do Barão, no Rio de Janeiro, no qual 33 homens doparam e estupraram uma garota de 16 anos e depois postaram vídeos na internet como forma de troféu. Mel colocou em questão um tema ainda muito atual no Brasil; a cultura do estupro.

Verdade seja dita:  
Você que não mova sua pica para impor respeito a mim.  
Seu discurso machista, machuca  
E a cada palavra falha  
Corta minhas iguais como navalha  
NINGUÉM MERECE SER ESTUPRADA!  
Violada, violentada  
Seja pelo abuso da farda  
Ou por trás de uma muralha.  
Minha vagina não é lixão  
Pra dispensar suas tralhas

Canalha!  
[...]

Mulheres sofrem com seres sujos  
Que utilizam da força quando não só, até em grupos!  
Praticando sessões de estupros que ficam sem justiça.  
Carniça!  
[...]  
Filhos dessa pátria,  
Mãe gentil?  
Enquanto ainda existirem Bolsonaros  
Eu continuo afirmando:  
Sou filha da luta, da puta  
A mesma que aduba esse solo fértil  
A mesma que te pariu! (Duarte 2026, s.p)

Desde então, esse e muitos outros casos são lembrados em seus poemas e de muitas *slammers* para que o ocorrido nunca seja esquecido, como forma de luta pela libertação do corpo feminino e o fim da cultura de estupro.

Racismo, machismo, feminismo negro, sororidade formam o insumo de seus versos e assim como Serginho Poeta, Mel acredita que a arte junto a educação pode ajudar as novas gerações a se livrarem das amarras sociais. “Meu sonho é só trabalhar em escola fazendo poesia. Quando eu faço um sarau numa classe que [os alunos] têm dez anos de idade, ou numa faculdade, é muito doido. Você vai abrindo mentes, literalmente. Quebrando paradigmas” (Duarte *apud* Machado 2017: s.p.).

### Considerações finais

Mel Duarte e Serginho Poeta são dois expoentes desta literatura engajada que não colocam limites entre a arte e o engajamento político-social. Em sua arte é possível decifrar o entorno sociocultural de onde procedem, ela não só reflete essa sociedade em que vivem, mas também a denunciam de forma consciente, expondo todas as mazelas da sociedade brasileira. Simultaneamente esses artistas são a representação de seu entorno e também agentes das mudanças desses padrões da realidade que expõem e, através de um choque dialético, passam de produto, a produtor do meio em que estão inseridos.

### Bibliografia

- Barbosa (2019). Preta Nua Crua. A voz que ecoa nas poesias de Mel Duarte. In: *Literafro*. <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/112-mel-duarte-preta-nua-crua>> (16/04/2020).
- Benjamin, Walter (1986). O autor como produtor. In: *Arte e técnica, magia e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Birrento, Ana Clara (2008). Ultrapassar as fronteiras do literário: o tempo futuro das humanidades. In: *ecadernos*. <<http://journals.openedition.org/eces/1325>> (14.04.2020).
- Candido, Antônio (2014). *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
- D' El Rei, Priscilla Lopes (2019). Literatura e Poesia Marginal Contemporânea no Brasil. A periferia na voz de Sérgio Vaz e Ferréz. In: *Studia Iberystyczne*, pp. 213-230, <[https://www.academia.edu/41683676/STUDIA\\_IBERYSTYCZNE\\_LUSOFONIA\\_UM\\_MUNDO\\_V%C3%81RIAS\\_VOZES](https://www.academia.edu/41683676/STUDIA_IBERYSTYCZNE_LUSOFONIA_UM_MUNDO_V%C3%81RIAS_VOZES)> (16/04/2020).
- Duarte, Mel (2016). Verdade seja dita. In: *Literatura Brasileira*. <<https://www.literatura-brasileira.com/2016/07/verdadesejadita.html>> (27/06/2022)
- Eble, Taís Aline e Lamar, Adolfo Ramos (2015). A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. In: *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*. <<http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1126>> (10/04/2020).
- Klein, Geane Valesca da Cunha e Silva, Patrícia Pereira da (2020). “Da Palavra à Estética, a Periferia é Poética!”: A Poesia Marginal de Mel Duarte Enquanto uma Prática de Resistência e Reexistência. In: *Travessias*. v. 14, n. 2, pp. 251-266, <<http://www.unioeste.br/travessias>> (10/04/2020).

- Literafro (2019). *Mel Duarte*. <[http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MelDuarte/mel\\_duarte\\_db.pdf](http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MelDuarte/mel_duarte_db.pdf)> (16/04/2020).
- Machado, Lívia (2017). Com versos combativos, poeta de SP sonha em incorporar sua arte à educação nas escolas. In: *g1 São Paulo*. <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/com-versos-combativos-poeta-de-sp-sonha-em-incorporar-sua-arte-a-educacao-nas-escolas.ghtml>> (27/06/2022).
- Nogueira, Mariana (2007). “Empoderamento é ter total poder sobre minha fala”, diz a poeta Mel Duarte. In: *Revista Glamour*. <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/11/empoderamento-e-ter-total-poder-sobre-minha-fala-diz-poeta-mel-duarte.html>> (16/04/2020).
- Foucault, Michel (2004). Tecnologias de si. In: *Revista Verve*. N 6. Puc-SP. <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>> (15/04/2020).
- Oliveira, Rejane Pivetta de (2011). Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. In: *Ipotesi*, v.15. <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>> (15/04/2020).
- Poeta, Serginho (2007). Entrevista: *O poeta da esquina*, por Guilherme Azevedo. <[www.jornalirismo.com.br/literatura/tem-um-negro-parado-na-esquina-nao-e-ladrao-e-poeta/](http://www.jornalirismo.com.br/literatura/tem-um-negro-parado-na-esquina-nao-e-ladrao-e-poeta/)> (16/04/2020).
- (2013). Sarau das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. Em: *est. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 42. <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182013000200001&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182013000200001&script=sci_abstract&tlng=pt)> (16/04/2020).
- Roots.Video. Mel Duarte: Menina Melanina - Projeto Verbo. Youtube. <<https://www.youtube.com/watch?v=yOjb4cPxx0U>> (27/07/2022).
- Sarau Samba Original. 2º Aniversário do Sarau Samba Original - Serginho Poeta “Faltei ao serviço”. Youtube. <<https://www.youtube.com/watch?v=jCPhj5YDuTk>> (27/06/2022).
- Tennina, Lucía (2014). *SARAUS - Movimiento / Literatura / Periferia / São Paulo*. Buenos Aires: Tinta Limón. <[https://tintalimon.com.ar/public/t7w5t8j1qc5h-2cdv3oydbxow5xfg/pdf\\_978-987-3687-02-0.pdf](https://tintalimon.com.ar/public/t7w5t8j1qc5h-2cdv3oydbxow5xfg/pdf_978-987-3687-02-0.pdf)> (27/06/2022)
- Velloni, Priscila Linhares (2018). O Manifesto Marginal e as Suas Margens: Uma Questão de Representatividade Feminina. In: *Seta - XXIII Seminário de Teses em Andamento* v.8. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, pp. 311-326, <<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/5806>> (27/06/2022).

## New horizons in Brazilian marginal literature

The last two decades have seen significant proliferation of arts and literature in Brazil, where the production and performances of peripheral artists and groups, such as hip-hop, graffiti, marginal literature and slam poetry fill spaces that art and culture did not reach before due to social segregation. Nowadays, this cultural expression is an example of resistance and it is creating new political meanings. Suburban cultural manifestations exhibit some new approaches and changes in both the creation and dissemination of art. This article is based on the presentation given at the conference *100 Years of Romance Language Studies in Zagreb: Tradition, Contacts, Perspectives* in Zagreb and aims to outline this very diverse and rich movement of today briefly, thus opening up a discussion on the limits of the new Brazilian literary frontiers.

*Keywords:* Brazilian Literature, Marginal Literature, Peripheral Literature, Poetry, Literary Studies

## Novi horizonti u brazilskoj marginalnoj književnosti

U posljednja dva desetljeća u Brazilu nastala je velika produkcija na području umjetnosti i književnosti, gdje rad i nastupi perifernih umjetnika i skupina, kao što su hip-hop, graffiti, marginalna književnost i slam-poezija, ispunjavaju prostore koji zbog društvene segregacije prije nisu bili dostupni umjetnosti i kulturi. Danas je ovaj kulturni izričaj primjer otpora i stvaranja novog političkog značenja. Suburbane kulturne manifestacije osmišljavaju neke nove pristupe i promjene u stvaranju i širenju umjetnosti. Ovaj se članak temelji na izlaganju održanom na skupu *100 godina zagrebačke romanistike: tradicija, kontakti, perspektive* u Zagrebu i cilj mu je ukratko ocrtati ova današnja vrlo raznolika i bogata kretanja te time otvoriti raspravu o novim književnim granicama.

*Ključne riječi:* brazilska književnost, marginalna književnost, periferna književnost, poezija, znanost o književnosti

